



O ecúmeno e a cidade habitada

Autores:

Gabriela Gazola Brandão - UFF - gabibrandao@ymail.com

Resumo:

O presente texto trata-se de uma abertura investigativa, apresentando e discutindo brevemente o conceito de ecúmeno a partir do pensamento de Augustin Berque, colocando-o em diálogo com as proposições de Martin Heidegger acerca do habitar e com reflexões sobre a essência da cidade. Este diálogo pretende instigar a uma reflexão sobre a essência da experiência urbana resgatando sua conexão com a relação íntima entre o homem e a Terra expressa pelo ecúmeno, o que reforça a consciência sobre o habitar tal como proposto por Heidegger. Além disso, a discussão visa apontar possibilidades de contribuições das formulações sobre o ecúmeno para um habitar que se constitui a partir da consciência da essência consubstancial e ontológica entre o homem e a Terra.

O ECÚMENO E A CIDADE HABITADA

INTRODUÇÃO

A indistinção entre ser humano e natureza pode ser experienciada no âmbito sensitivo e perceptivo, e nem por isso superficial – pelo contrário, talvez mais profundo e visceral do que aquele fundado na cognição, no encadeamento racional de experiências e sua transposição para a forma de pensamentos. Isso porque, uma vez nominados, ser humano e natureza assumiram essências distintas para nossa racionalidade. Entretanto, “[...] o homem sente e sabe estar ligado à Terra, como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (OLIVEIRA, 2011). A mesma distinção obrigada pela nomenclatura que implicou na ilusória separação entre ser humano e natureza tem provocado inquietações e esforços em âmbitos diversos no sentido de re-uni-los. No âmbito da Geografia Humanista, tais inquietações e esforços permeiam as obras de muitos autores, dentre eles destaque, para a reflexão aqui proposta, Augustin Berque.

O presente texto trata-se de uma abertura investigativa, apresentando e discutindo brevemente o conceito de ecúmeno a partir do pensamento de Augustin Berque, colocando-o em diálogo com as proposições de Martin Heidegger acerca do habitar e com reflexões sobre a essência da cidade. Este diálogo pretende apontar possibilidades de contribuições das formulações sobre o ecúmeno para um habitar que se constitui a partir da consciência da essência consubstancial e ontológica entre o homem e a Terra.

HABITAR A TERRA

Em cinco de agosto de 1951, o filósofo alemão Martin Heidegger proferiu uma conferência publicada no ano seguinte com o título Construir, Habitar, Pensar (HEIDEGGER, 2012b), na qual apresenta o conceito de habitar (*dwelling*) a partir de reflexões sobre a relação inseparável existência-espaco – relação que permeia toda sua obra – e conferindo ênfase à dimensão espacial desta unidade. Para Heidegger, observa Holzer (2012, p.301), “[...] nossa primeira relação com o mundo é instrumental e não cognoscitiva, isso nos conduz ao *Dasein* [...]”, termo alemão empregado pelo filósofo “[...] para designar indiferentemente homem e mundo, sendo o primeiro preferencialmente referido com a expressão ser-no-mundo, onde os hifens buscam sublinhar a inquebrantável unidade de seus termos” (HOLZER, 2012, p.196). *Dasein* pode ser traduzido por ser-aí (HOLZER, 1998), a condição espacializada inalienável da existência humana, a relação intrínseca e compulsória da existência humana com os espaços.

Para apresentar seu conceito de habitar, Heidegger procede de um modo que lhe é característico: recorre à etimologia das palavras, buscando o sentido original dos termos em sua antiguidade. Desse modo procede para refletir sobre o habitar aproximando-o do termo construir. Com raízes no antigo alto-alemão, construir é apresentado por Heidegger (2012b) como cultivar, edificar com objetivo de habitar – edificar não apenas materialmente, mas cultivar lugares consoante ao modo como cada ser vive seu mundo – a forma como lida com divino e mortais, com a terra e o céu (a quadratura heideggeriana). “A palavra *bauen* (construir), porém, significa ao mesmo tempo, proteger e cultivar [...]. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos” (HEIDEGGER, 2012b, p.127). Buscando o sentido original de termos do antigo gótico e do saxão, Heidegger conclui que ao habitar corresponde “de-morar-se” e “permanecer em paz”. Nota-se a presença do fator temporal: “O traço fundamental do habitar é este resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra” (HEIDEGGER, 2012b, p.129). Esse sentido primordialmente temporal assumido pelo habitar, “[...] de deter-se junto ou de acostumar-se a algo, ou ainda um sentido de cultivar; trata-se de uma forma de proximidade que se define antes de tudo pela permanência junto aos entes em geral, permanência esta que concede ao ser-no-mundo uma espécie de amparo, uma certa familiaridade calcada no conforto do que é sempre o mesmo” (SARAMAGO, 2011, p.2). Julian Young (apud SARAMAGO, 2011, p.3) afirma que o habitar significa, em Heidegger, “segurança ontológica” (*ontological security*).

A quadratura (HEIDEGGER, 2012b), mencionada no parágrafo anterior, é, para o filósofo, uma unidade originária, é o mundo compreendido como reunião (SARAMAGO, 2012, p.212), uma reunião a partir da “[...] compreensão da proximidade e do pertencimento mútuo” (SARAMAGO, 2012, p.212) - a saber: da terra, do céu, dos mortais e dos deuses. Apreendidos como reunião de mútuo pertencimento, evidencia-se a compreensão de unidade.

Ao reconhecer-se mortal o ser humano remete-se ao divino, fazendo desta uma medida existencial, inerente à sua condição – inerente ao habitar.

De acordo com as palavras de Hölderlin, o homem mede a dimensão em se medindo com o celestial. O homem não realiza essa medição de maneira ocasional, mas é somente nesse medir-se que o homem é homem. [...] O divino é ‘a medida’ com a qual o homem confere medida ao seu habitar, à sua morada e demora sobre a terra, sob o céu. Somente porque o homem faz, desse modo, o levantamento da medida de seu habitar é que ele consegue *ser* na medida de sua essência. O habitar do homem repousa no fato de a dimensão, a que pertencem tanto o céu como a terra, levantar a medida levantando os olhos (HEIDEGGER, 2012a, p.172).

Heidegger (2012b, p.137) pontua que “A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial”. A essência do habitar, portanto, é a relação ser humano-espaço conforme expressão de si, conformada e construída de acordo com o vivido; é a relação primária do ser humano com os espaços (BRANDÃO, 2016, p.22).

Assim, “[...] o homem é à medida que habita” (HEIDEGGER, 2012b, p.127). O habitar é, simultaneamente, o meio e o fim (SEAMON, 2000), é nossa condição terrestre. A realização do habitar, para Heidegger (2012a), é o ser e estar sobre a terra, é o traço fundamental do ser-homem.

Saramago (2011, p.7) destaca a importância de observar que “[...] Heidegger esclarece, antes mesmo de dar início às suas considerações, que não pensará o habitar 'como mais um modo de comportamento humano, dentre tanto outros', numa representação banalizada deste, mas que quer pensar, a *partir do habitar*, a própria existência humana”.

Portanto, o conceito congrega em si a relação existencial entre o ser humano e os espaços, isto é, o ser-no-mundo, sendo nossa condição humana na Terra (HEIDEGGER, 2012b), um constante construir no sentido de cultivar, de edificar vínculos, apropriando-se do mundo-vivido. O habitar é compreendido como uma totalidade, para a qual convergem diversos aspectos das experiências humanas com/nos espaços.

OIKOUMÉNE: A CASA-TERRA HABITADA

A palavra ecúmeno tem sua origem no termo grego *oikouméne*, formada a partir de duas outras palavras: do substantivo *oikos*, que significa casa, habitação, família, habitantes da casa, estirpe, descendência, vivenda, aposento ou povo; e do verbo *meno*, que significa ficar, permanecer, esperar, persistir, continuar a ser, a existir, a subsistir (LIRA, 2010, p.12). O termo grego *oikouméne* expressa a ideia de mundo habitado, no sentido da Terra como a casa onde todos os povos, tribos e línguas habitam. O dicionário de língua portuguesa brasileira Priberam traz como significado de ecúmeno “parte da Terra ocupada pelo homem” e “região habitada”, e o dicionário Michaelis acrescenta o significado de “o todo ou o conjunto em oposição às partes; o geral; o universal”.

Em suas reflexões sobre as relações entre as sociedades humanas e o ambiente, o geógrafo e orientalista Augustin Berque retoma a noção do referido termo grego – ecúmeno, em português – para tratar de tais relações. Esta apropriação de Berque, no entanto, apresenta o ecúmeno como conceito mais adensado, a ele agregando sua perspectiva experiente sobre a relação ser humano e ambiente com influências do pensamento oriental. Para Berque, “[...] o ecúmeno é compreendido como uma realidade relacional: é a relação da humanidade com a superfície terrestre. O ecúmeno é, em uma só vez, a Terra e a humanidade, mas não a Terra mais a humanidade, e sim a Terra enquanto ela é habitada pela humanidade, como também, a humanidade enquanto ela habita a Terra” (MARIA, 2010, p.60). Não se trata, no entanto, apenas de um conjunto físico e relacional unicamente por um viés funcional ou objetivo. Há, na proposta de Berque, uma profunda intimidade na relação da humanidade com a extensão terrestre caracterizada por “[...] uma impregnação recíproca do lugar e do que se descobre: no ecúmeno, o lugar e a coisa participam um do outro” (BERQUE, 2000 apud HOLZER, 2004, p.62). Tal constituição recíproca nos conduz, inevitavelmente, a uma relação existencial do ser-no-mundo.

As considerações de Berque conjugam “[...] a dimensão racional e sensível do homem chamado a se realizar em sua condição terrestre” e retiram “[...] o espaço da concepção abstrata para restituir-lhe seu diálogo com a vida e a terra, devolvendo-lhe uma

geograficidade” (CRAPEZ, 2015, p.15). A geograficidade (*geographicité*) (DARDEL, 2011) se refere à essência do espaço geográfico, o qual se constitui uma base material da qual não podemos nos destacar (HOLZER, 2011). A geograficidade se refere a uma cumplicidade obrigatória entre o homem e a Terra, na qual se realiza a existência humana (HOLZER, 2011). “Do plano da geografia”, explica Dardel (2011, p.14), “a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência”. Sobre essa importante e visceral relação do ser humano com a Terra, Oliveira (2011) reporta-se a Eric Dardel – cuja obra é baseada na intimidade entre o homem e a Terra – para afirmar que é “[...] uma relação existencial, que é, às vezes, teórica, prática, afetiva e simbólica”. De acordo com a autora, “o homem sente e sabe estar ligado à Terra, como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” - intimidade que se revela no ordinário: “Em sua conduta e em sua vida cotidiana, em sua sabedoria lacônica carregada de experiências, o homem manifesta que crê na Terra, que confia nela; que conta absolutamente com ela” (DARDEL, 2011, p.93).

Ao devolver ao espaço sua geograficidade (CRAPEZ, 2015), Berque chama atenção para a unidade composta pelo ser humano e a Terra, ideia que o autor desenvolve aprofundando o conceito do ecúmeno. A compreensão dessa unidade pode ser atribuída ao que Crapez (2015, p.65) explica como o restabelecimento de “[...] uma dimensão medial entre o homem e a Terra, e se contrapõe a visão dualista herdada do cartesianismo e da ciência, com seu princípio universal reduzindo a Terra e o homem a categoria de objeto”. A mediação (*médiance*), assim como a geograficidade, se referem à cumplicidade entre o homem e a Terra (CRAPEZ, 2015).

É a possibilidade de que, no alvorecer deste novo milênio, nós comecemos a emergir do abismo que a modernidade cavou entre cultura e natureza – na verdade, desde que Descartes discriminou a 'res extensa' da 'res pensante'. A geograficidade do ser, de fato, não é outra senão a relação pela qual a 'res extensa' é tão pouco estranha à 'res pensante', que faz parte do seu próprio ser (BERQUE, 2009, p.15-16 apud MARIA, 2010, p. 131).

Embora haja aproximações entre o pensamento de Berque acerca do ecúmeno e o conceito de geograficidade cunhado por Dardel, Berque faz ressalvas a este, apontando que há “[...] um passo decisivo entre a geograficidade dardeliana e aquela que eu entendo. Na verdade – sem falar de seus fundamentos bio-ecológicos – a partir de sua sociabilidade e de sua tecnicidade, nosso ser demonstra uma estruturação, portanto uma história, da qual a fenomenologia não pode dar conta sozinha” (BERQUE, 2009, p.15 apud MARIA, 2010, p. 131). De acordo com Maria (2010, p.101), o que difere a concepção de geograficidade de Berque em relação à dardeliana é o fato de esta subestimar, na opinião do autor, a parte do social no ser do homem e superestimar o fenomenal. Por não ser a geograficidade o foco do presente trabalho, não me deterei na discussão acerca das divergências sobre o conceito.

Retomando a noção da indistinção entre ser humano e natureza com a qual iniciei este texto, transcrevo a seguir um trecho em que Berque discorre sobre esta questão nos seguintes termos:

“O ecúmeno é o conjunto e a condição dos meios humanos naquilo que eles têm propriamente de humano, mas não menos de ecológico e de físico. É isso, o ecúmeno, que é plenamente a morada (*oikos*) do ser humano. Tomar isso em conta, como vemos, é opor-se à filosofia que pretendeu encontrar a morada do ser na linguagem; assim como opor-se às ciências muito estritamente humanas que, à sua maneira, assumiram este partido e, assim, separaram a cultura da natureza... mesmo sem poder negar a animalidade inerente do nosso corpo! - O efeito dessa contradição divide o ser humano em dois, como o dualismo já tinha dividido as coisas da existência” (BERQUE, 2009, p.17 apud MARIA, 2010, p. 132).

O ECÚMENO E A CIDADE HABITADA

Habitamos a Terra contemporânea predominantemente sob configurações que convencionou-se denominar urbanas – em outras palavras, a maioria da população mundial hoje vive em cidades – o que torna importante discutí-las, assim como à relação que temos tecido com elas. O conceito de cidade é amplamente discutido sobretudo nas disciplinas das Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas, área do conhecimento na qual se enquadram a Arquitetura e o Urbanismo. Realizar uma revisão conceitual nessa direção não é o objetivo aqui, mas sim instigar a uma reflexão sobre a essência da experiência urbana resgatando sua conexão com a relação íntima entre o homem e a Terra expressa pelo ecúmeno, o que reforça a consciência sobre o habitar tal como proposto por Heidegger.

“Qual o caráter essencial da cidade?” - perguntou Tuan (2013, p.5). Diante da vastidão descortinada pela busca dessa resposta, o autor prossegue afirmando que, de modo geral, “[...] a cidade é um assentamento com um certo tamanho”, mas não há certamente uma definição universal (TUAN, 2013, p.5). Além disso, caracterizam-se pela presença mais ou menos maciça de artefatos (TUAN, 2013). Concentrando-nos de início nesta caracterização a partir da presença de artefatos, poderia-se pensar então que a cidade distancia-se da natureza à medida em que se agregam a ela elementos como edificações e vias pavimentadas, por exemplo. Tal raciocínio conduziria à ideia de que a intimidade entre o homem e a Terra torna-se mais e mais desafiadora de ser experienciada. Isto pode ser verdadeiro caso analisemos o fato a partir de uma abordagem dual, fundada em um pensamento de separação.

O crescimento industrial reforçou o distanciamento com a natureza e a base terrestre, pelo uso abusivo e indiscriminado dos recursos naturais, priorizando o quantitativo e a ubiquidade dos produtos sobre a qualidade, elegendo para isso a máquina como modelo. Essa mudança paradigmática com sua herança mecanicista, não somente apagou os valores primordiais de intimidade da morada dos homens, reduzindo ao estado de produto

manufaturado, mas também transformou a cidade em uma matriz nociva ao próprio homem (CRAPEZ, 2015, p.145).

Já anunciado na década de 1960, o colapso do modelo desenvolvimentista suscitou um retorno à terra, um “[...] resgate da paisagem e dos valores ontológicos e poéticos do espaço vivido, novos cuidados com as pessoas na cidade”, enfim, uma promoção da dimensão ecumenal do mundo (CRAPEZ, 2015, p.146). Movimentos como a ecologia e a fenomenologia despertaram a reconstrução da cidade em função do humano, porém a “crescente globalização da economia liberal nas últimas décadas, um retorno ao modelo desenvolvimentista parece ameaçar novamente as qualidades do 'habitar na cidade'”, explica Crapez (2015, p.146).

Não é indispensável estar em contato físico direto e permanente com bosques, rios, mares, animais, terra ou rochas para que a experiência da unidade entre o homem e a Terra se realize, para que o ecúmeno aconteça em experiência. Para tanto, em essência, basta a existência. Sobre o restabelecimento do ecúmeno na cidade, para uma compreensão fundada mais na cognição, podemos pensar que “as cidades são fenômenos da natureza”, como apontou Kevin Lynch (2007, p.331), pois somos, nós, seres humanos, quem as construímos, e somos, nós mesmos, a própria natureza, logo, os artefatos por nós construídos seriam considerados processos naturais. A dimensão medial entre o homem e a Terra persiste, portanto. O ecúmeno não se perde, a geograficidade não se perde. Para uma compreensão corpórea, integral e visceral, há que se desvencilhar da visão de mundo alimentada por perspectivas exclusivamente racionais e investir naquela baseada em uma dimensão fenomenal da cidade. Tarefa importante de ser executada pelos profissionais que planejam o urbano e sua arquitetura, já que sua atuação influencia diretamente na experiência da cidade. A direção é a de restituir à cidade sua matriz cósmica primordial e base para a realização terrestre do ser-no-mundo exatamente por ser, não simplesmente parte da Terra, mas a própria Terra em si em última instância. Significa colocar em evidência o caráter de resguardo e segurança ontológica próprios do habitar.

Etimologicamente, o ecúmeno evoca o habitar heideggeriano pois traz em si a ideia de existir, de permanecer, ao possuir na origem de sua constituição o verbo grego *meno*. *Oikouméne*, portanto, expressa a ideia de habitar a casa, sendo, a casa, a região habitada. Ou seja, habitar uma porção da Terra dotada de algum sentido de familiaridade, pressupondo uma ligação íntima permeada pelo fator tempo. Abarcando ontologicamente as relações do ser-no-mundo, intimidade compulsória e imbricada entre existência e espaço.

Assim, é necessário recriarmos o ecúmeno – “relação ao mesmo tempo sensível e concreta, simbólica e técnica do homem com o meio” (CRAPEZ, 2015, p.5) – como uma “imaginação remoçada” (SORRE, 2003, p.142-143), “[...] capaz de promover sentimentos de pertencimento e uma qualidade poética do habitar na cidade” (CRAPEZ, 2015, p.5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a realização do habitar como nossa condição terrestre e a contemporânea condição urbana do nosso habitar, o diálogo entre essas duas condições é imprescindível. Questionar como habitamos e temos habitado a partir de uma abordagem fenomenológica e ontológica é relevante para lançarmos luz à consciência sobre as consequências e os encaminhamentos desse

modo de ser-no-mundo. O diálogo entre a perspectiva do ecúmeno de Berque com o habitar de Heidegger aqui proposto intentou contribuir, ainda como uma abertura investigativa, para um olhar cósmico e integrado sobre habitar as cidades. Este diálogo pretende apontar possibilidades de contribuições das formulações sobre o ecúmeno para um habitar que se constitui a partir da consciência da essência consubstancial e ontológica entre o homem e a Terra.

Na construção recíproca entre o ser-no-mundo e os espaços, a arquitetura é expressão e continente do habitar, isto é, traz para a materialidade o modo como se habita e, simultaneamente, acolhe e propicia lugar a um habitar. A cidade, *locus* da arquitetura e do habitar urbano, merece ter restituída sua imagem e sua percepção ecumenais para que nós, seres urbanos, experienciemos o habitar na totalidade da manifestação de sua potência poética.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Gabriela Gazola. Naturezas do habitar: da metrópole à pequena cidade. 183 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

CRAPEZ, Pierre Georges Gabriel. Imagens da cidade e geopoética (pelo direito de sonhar a cidade). 317 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HEIDEGGER, Martin. "... poeticamente o homem habita...". In: Ensaios e conferências. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: Ensaios e conferências. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. 257p. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. Espaço&Cultura, Rio de Janeiro, n. 17, p. 55-63, 2004.

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). Qual é o espaço do lugar?. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LIRA, Lilian C. da Silva Pessoa. O Ecumenismo como instrumento de Ação Afirmativa do Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE). Revista identidade!, São Leopoldo, RS, v. 15, n. 2, jul.-dez. 2010. Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa identidade! da Escola Superior de Teologia – EST.

LYNCH, Kevin. A boa forma da cidade. 1 ed. Portugal: Edições 70, 2007.

MARIA, Yanci Ladeira. Paisagem: entre o sensível e o factual. 133 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SARAMAGO, Ligia. Entre a terra e o céu: a questão do habitar em Heidegger. O que nos faz pensar – Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Rio de Janeiro n.30, 2011.

SARAMAGO, Ligia. Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). Qual é o espaço do lugar?. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SEAMON, David. Concretizing Heidegger's notion of dwelling: the contributions of Thomas Thiis-Evensen and Chrisopher Alexander. In: Bauen und Wohnen / Building and Dwelling: Martin Heideggers Grundlegung einer phänomenologie der architektur / Martin Heidegger's foundation of a phenomenology of architecture. FÜHR, Eduard (Org.). New York: Waxmann Münster, 2000.

SORRE, Max. A Geografia Humana (Introdução). Traduzido de E1 ~oinbre Eli Lu lierra, 1:ifroduccióir. Editorial Labor, SIA, Barcelona, 1967. GEOgraphia -Ano V - No 10 – 2003. P.137-143.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

OLIVEIRA, Livia de. (Orelha de livro) In: DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.